Da Literatura ao Cinema: o trajeto da linguagem na releitura cinematográfica de “Ensaio sobre a Cegueira”, de José Saramago

Viviana Antunes de Souza
Universidade do Sagrado Coração, Bauru/SP
e-mail: viviana.antunes1@gmail.com

Comunicação Oral

Pesquisa em Andamento

Resumo Expandido

A pesquisa em questão - titulada: “Da Literatura ao Cinema: o trajeto da linguagem na releitura cinematográfica de ‘Ensaio sobre a Cegueira’, de José Saramago – tem como tema a tradução do discurso da obra saramaguiana do discurso-texto para o discurso-tela e como propósito, abordar o seguinte problema: dada a notabilidade da discrepância entre os livros e suas releituras cinematográficas, qual a relação de linguagem entre “Ensaio sobre a Cegueira” e “Blindness”, sua leitura para o cinema dirigida por Fernando Meirelles, e seria possível (ou necessário) aproximar ainda mais os discursos do filme e do livro?

Trata-se de um projeto de importância. Com a tecnologia se sobressaindo, as pessoas não se dão ao trabalho de ler e se aprofundar em um livro, dada a facilidade proporcionada pelas mídias. No entanto, existe um grau de distanciamento entre livro e filme por diversos motivos, sendo um dos destaques o fato de tratar-se de mídias com linguagens diferentes, os quais requerem uma análise semiótica e do discurso mais profundas que o julgamento frequente: não é igual.

De fato, não existe completa igualdade entre textos de mídias diferentes, mas existem pontos de convergência, são por eles que o diretor se pauta na construção cinematográfica. Há também, a aproximação quanto ao efeito causado no leitor/espectador: Saramago usa um vocabulário extremamente requintado para estimular as sensações, enquanto Meirelles estimula os impulsos sensoriais do espectador através de sons, barulhos, imagens a fim de causar sensações semelhantes às causadas pelo livro.

O objetivo do projeto é retratar as convergências e divergências dos efeitos causados pela narrativa no leitor/espectador através da semiótica e teorias de análise do discurso a fim de retratar a discrepância entre as obras em questão, o que será realizado em três etapas: primeiro a análise do discurso literário produzido por Saramago dos pontos de vista: estrutural e de análise do discurso, além de discorrer sobre os efeitos causados no leitor;

segundo, análise das linguagens utilizadas no discurso cinematográfico de “Blindness” com ênfase no efeito causado no leitor; e por último, unir as duas supracitadas análises em busca dos pontos de convergência e divergência entre o discurso-texto e o discurso-tela e discorrer sobre a possibilidade e a necessidade de aproximá-los.

Vale lembrar que a relação entre a literatura e o cinema é quase tão antiga quanto a criação desse último. Essas duas artes se influenciam e se confrontam constantemente; entretanto, a 7ª arte se apoia desde sempre na literatura para exercer seu poder narrativo. No entanto, como já foi dito, a frustração dos espectadores de um filme, ao compará-lo com o respectivo livro, faz todo o sentido, pois há uma vasta diferença entre as mídias em questão.

Assim, é fato: uma obra literária não pode ter uma cópia exata na reprodução cinematográfica, é impossível. Por exemplo: na literatura, o autor constrói a narrativa com ações e personagens, entrelaçando considerações filosóficas do autor ou narrador e pensamentos das personagens de forma explícita e permite ao leitor não só refletir sobre o texto, mas criar, de acordo com seu contexto sociocultural, a imagem da ação e de seus participantes. Por outro lado, na leitura cinematográfica, são utilizados recursos diferenciados para a reprodução do enredo escolhido. A equipe técnica, somada aos atores e aos efeitos não verbais como os efeitos sonoros e luminosos e o cenário, mostram ao espectador as sugestões existentes no livro. Embora o cinema também permita a interpretação subjetiva de seu discurso, nota-se a necessidade de um alto grau de atenção, racionalidade e conhecimento prévio, já que as especulações filosóficas e muitos pensamentos não são explícitos. Porém, essa mídia transmite com uma facilidade imensa o efeito emotivo causado pelo enredo.

Ainda se tratando das diferenças midiáticas, a literatura utiliza a palavra como um símbolo indireto o qual precisa ser racionalizado para ser compreendido, enquanto no cinema, a imagem é um símbolo direto, pois não exige o filtro racional para sua compreensão, ele cria uma realidade ilusória que é apenas sugerida pelo texto.

> Para Bakhtin, a palavra [esteja ela empregada no discurso-texto ou no discurso-tela] é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela plurivalência. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação ideológica; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e ponto de vista daqueles que a empregam [no caso, autores e diretores].Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes (BRANDÃO, 1991, p.09).

Mais especificamente, em relação ao “Ensaio sobre a Cegueira”, de José Saramago (1922-2010), nota-se a desconstrução da sociedade e seus

caracteres em função de uma epidemia de cegueira, durante a qual as personagens – sem nome, identidade ou passado-, são caracterizadas por seu instinto animal intrínseco, vivendo de forma degradante e lutando por suas necessidades básicas até estabelecerem um novo contrato social. Já em "Blindness", longa metragem dirigido por Fernando Meirelles e lançado em 2008, também é retratada a degradação do ser humano; porém, sem as reflexões filosóficas presentes no livro. Trata-se de outra forma de expressão da barbárie em que passaram a viver os cegos. Meirelles segue o enredo da obra de Saramago, embora o faça com certas reduções e amenizações da angústia e da violência dos acontecimentos, não perde em qualidade de roteiro e imagem, mas, assim como Saramago, consegue prender o espectador aos acontecimentos.

> A primeira imagem que me veio ao ler o "Ensaio Sobre a Cegueira" foi a da nossa civilização como uma complexa estrutura, como aquelas que se formam ao acaso no jogo de pega-varetas. De repente, uma vareta é retirada (a visão) e a estrutura toda desaba. Me interessei por esta história porque ela expõe a fragilidade desta civilização que consideramos tão sólida. Em nossa sociedade, os limites do que achamos que é civilizado são rompidos cotidianamente, mas parece que não nos damos conta, a barbárie está instalada e não vemos ou não queremos ver. Para mim, era sobre isso o livro. A metáfora da cegueira branca ilustra nossa falta de visão. "Eu não acho que ficamos cegos", diz um personagem. "Acho que somos cegos. Cegos que podem ver, mas não vêem". Por quanto sofrimento precisamos passar para que consigamos abrir os olhos e ver? Essa foi a primeira questão que me coloquei ao fechar a última página (MEIRELLES, 2007).

Enfim, é extremamente importante analisar os discursos texto e tela e suas formas de contato, comparando-os de maneira crítica, a fim de obter um maior entendimento do processo de tradução da linguagem literária para a mídia cinematográfica e a compreensão de ambos os discursos propostos ao público e seus efeitos.

Palavras-chave: Ensaio sobre a Cegueira; Blindness; discurso; semiótica; mídia.

REFERÊNCIAS

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Cia das Letras, 1995

BRITO, José Domingos de (org.) **Literatura e cinema**. São Paulo : Novera, 2007.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas – SP: Editora Unicamp 2004.
MEIRELLES, Fernando. **Sobre cocô, civilização e barbárie**. Disponível em: http://www.blogdeblindness.blogspot.com.br/2007/09/post-6-sobre-coc-civilizao-e-barbrie_28.html Acesso em: março 2015.
ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA (Blindness), 2008. Direção de Fernando Meirelles. Roteiro de Don McKellar. Produção de Andrea Barata Ribeiro, Niv Fichman e Sonoko Sakai. Brasil/Canadá/ Japão. 20th Century Fox Brasil/ Miramax Films. 120 min. Sonoro e colorido.
SILVA, Thais M. G. **Reflexões sobre Adaptação Cinematográfica de uma Obra Literária**. Anuário de Literatura, Florianópolis, v.17, n. 2, p. 181-201, 2012.